

# “A Menina e o Vento”

Maria Clara Machado

A E C A

Alunos do Exercício Cênico

Direção: **Rafael Bueno**

Direção Geral: **Valentim Schmoeler**

# A Menina e o Vento

*Maria Clara Machado*

Este texto pertence à:

## A menina e o vento

### *1 prólogo e 9 cenas*

Esta peça foi levada pela primeira vez pelo TABLADO em 1963 com cenários e figurinos de Marie Louise Nery; assistente técnico, Dirceu Nery; assistente de direção, Donato Donatti; contra-regra Luiz Carlos Valdez; sonoplastia, Sérgio Cathiard, com a seguinte distribuição: *Vento*, Henrique Mujica; *Maria*, Lúcia Marina Acciloi; *Pedro*, Flávio de São Thiago; *tia Adelaide*, Jaqueline Laurence; *tia Adalgisa*, Yolanda Costa; *tia Aurélia*, Neuza Navarro; *a mãe*, Maria José Araújo; *a avó*, Moema de Brito; *o repórter*, Olney Barrocas; *o comissário Plácido*, Hélio Ary; *Pacífico*, Paulo Nolasco; *Crispim*, Sérgio Miceli. Direção Geral, Maria Clara Machado. Rio de Janeiro, 1963.

### PERSONAGENS:

#### O VENTO

MARIA, *a Menina*  
 PEDRO, *o Menino*  
 A MÃE, *Anastácia*  
 ADELAIDE, *a Tia*  
 ADALGISA, *a Tia*  
 AURÉLIA, *a Tia*  
 A AVÓ, *Aparecida*  
 A REPÓRTER, *Bolofofos*  
 A REPÓRTER, *Tink-Wink*  
 DELEGADA, *Plácida*  
 PACÍFICO, *Policial*  
 CRISPIM, *Policial*  
 BRISA, *Filha do vento*  
 VENTANIA, *Mãe do vento*

### CENÁRIO:

A cova do vento. Um pedaço de praia deserta com enorme tronco ao fundo de onde caem pedaços de galhos e parasitas, feitos com material leve para que possam sugerir o efeito do vento. No chão algumas pedras roliças. Uma delas é o travesseiro do vento. O ambiente deve sugerir mistério e poesia. Vários ventiladores são instalados para movimentar os parasitas que se moverão ao mesmo tempo que se ouve o barulho do vento gravado e irradiado de um alto-falante.

## PRÓLOGO

**O Prólogo se passa com o vento no fundo, penumbra!**

**Ouve-se insistentemente um escala de piano tocada não longe. Fugindo, esbaforidos, entram Maria e Pedro. Cessa a escala.**

MARIA: Corre, Pedro, que lá vêm elas!

PEDRO: Santo Deus, elas não nos deixa em paz!

**MARIA E PEDRO:** Aula no Domingo também é o cúmulo.

PEDRO: Tia Adelaide é o fim.

VOZ DE TIA ADELAIDE: Pedro! Maria!

MARIA: Depressa! (Saem correndo)

**Entram também esbaforidos da corrida as três tias. Tia Adelaide é a mais velha e também a mais mandona. Tia Adalgisa é a do meio. Cópia viva de tia Adelaide. Tia Aurélia é a menos velha, meio biruta, meio infantil, obedece sempre tia Adelaide por hábito ou por medo. Passam as tias (ouve-se de novo a escala no piano), aparece a vó, com os óculos no pescoço pendurado.**

VÓ: Adelaide? Onde foi que você deixou meus óculos? Estou a horas procurando e não encontro!

**E tornam a voltar os meninos.**

MARIA: Pedro, vamos nos esconder na cova do vento?!?!

PEDRO: Na cova do vento? Boa idéia. Vamos!

**Saem. Voltam as tias.**

ADELAIDE (Gritando): Crianças, voltem já para a aula!

ADALGISA: Eu disse à mãe deles para não deixá-los brincar na rua.

AURÉLIA: Maria! Pedro!... Voltem já... já.... já.....Adelaide está chamando!

ADELAIDE: Lugar de criança é dentro de casa.

ADALGISA: A culpa é da mãe deles que é muito mole...

AURÉLIA: No nosso tempo, quando...

ADELAIDE (Interrompendo-a) : Já sei, Aurélia, que nosso tempo era diferente, mas nossa obrigação de tias é de educá-los.

AURÉLIA: A aula de hoje é tão boa! Hoje vamos aprender em como “não pedir nada pra mãe quando for ao mercado”!

ADALGISA: As aulas de Adelaide são excelentes! Ela é a melhor professora de “Não pedir nada pra mãe quando for ao mercado” da cidade!

AURÉLIA: E do Brasil!

ADELAIDE (Saindo, orgulhosa com os elogios): Crianças, voltem para a aula!

ADALGISA (Acompanhando-a) : É preciso aprender se não a mãe deles não leva eles no mercado, crianças!

AURÉLIA (Saindo também): Pedro! Maria!

**(Muito assustada volta Adalgisa)**

ADALGISA: Por ali é o caminho da cova do vento!

ADELAIDE (Voltando também assustada): ... não é lugar para moças sozinhas...

AURÉLIA (Aparecendo alvoroçada): Cova do vento... mamãe sempre disse que lá é muito deserto, e feio... e cheio de vento...

ADELAIDE: Vamos voltar. É muito perigoso o risco.

ADALGISA: É muito perigoso o risco.

AURÉLIA: E as crianças?

ADELAIDE: Quando chegarem em casa ficarão de castigo. Terão que escrever duzentas vezes: “Eu não gosto do Bolofofos”! (Sai)

AURÉLIA: Eu gosto do Bolofofos! (Sai)

ADALGISA: Muito boa idéia, Adelaide, muito boa idéia! (Sai).

**Volta a vó sem sapatos e com uma meia rasgada em um pé e o outro sem meia.**

VÓ: Aurélia sua atrevidinha! Adelaide? Onde foi que eu deixei os meus sapatos? Eu to sentindo um ventinho nos meus pés.

## CENA 1

**(Assim que a vó sair a cena deve estar na penumbra; ao fundo deitado no chão, com a cabeça numa das pedras, dorme o Vento. É um personagem meio mitológico, como se vê em figuras de mapas de navegação antiga. Pedro e Maria chegam correndo. Depois de verificarem que não estão sendo perseguidos, observam o lugar.)**

MARIA: Iiiii! Aqui hoje está muito esquisito.

PEDRO: Mas aqui tenho a certeza que elas não vêm.

MARIA: Tia Adalgisa tem tanto medo...

PEDRO: Você não acha que isto aqui está calmo demais?

MARIA (Descobrimdo o Vento): Veja, Pedro, o Vento, dormindo. Será que ele está doente? (Olhando para cima) Caiu, será?

PEDRO: Lugar de vento ficar é lá em cima. O que é que ele veio fazer aqui na praia?

MARIA: Alguma indigestão de ar. (Rindo) Que feio que ele é!

PEDRO: É velho e barrigudo.

MARIA: Que pena! Sempre pensei que o vento fosse lindo!

PEDRO: Por que ora?

MARIA: Porque tudo que voa, é bonito!

PEDRO: Urubu também?

MARIA: Voando é. Até urubu voando é bonito. Menos mosquito, é claro.

PEDRO: Ele está acordando.

MARIA: Vamos nos esconder. (Os dois se escondem na frente das coxias, visível para a plateia.)

MARIA: Quero só ver a cara que ele tem acordado.

**(O Vento se mexe e fica sentado com as pernas estiradas. Depois continua a dormir sentado, roncando muito alto.)**

PEDRO (Procurando falar baixo): Ronca igualzinho ao vovô Jaime.

MARIA (Começando a rir sem controle): Vovô Jaime... é isto mesmo... o vento se parece com o vovô Jaime.

**(Os dois continuam a rir até que acordam o Vento, que abre os olhos espantado.)**

VENTO: Xiuuu! (Boceja, os meninos se calam, ele continua a dormir).

MARIA (Sempre tentando falar baixo): Está acordando... Parece mesmo o vovô Jaime quando dorme na poltrona...

**(O Vento abre os olhos espantado e começa a se levantar, procurando ver de onde vem o barulho.)**

PEDRO (Puxando Maria para se esconder): Ele viu!

VENTO (Descobrimdo os meninos): Deixem-me dormir, criaturas desagradáveis.

PEDRO: Quem é criatura desagradável?

MARIA: Acho que somos nós.

PEDRO (Brincalhão, levantando a voz): Os incomodados que se mudem.

VENTO (Furioso): O quê!?!?!?

PEDRO (Provocador): Disse: os incomodados que se mudem.

VENTO: Olhe aqui, pirralho, ou vocês me deixam dormir em paz ou...

PEDRO: Ou o que? Aqui por acaso é propriedade sua?

MARIA: Pedro, não provoca.

PEDRO: A praia é pública, a rua é pública, o espaço é público, a atmosfera é pública...

MARIA: A estratosfera é pública...

PEDRO (Já dentro de cena sem o menor receio do vento): E nós fazemos barulho onde queremos...e o vento também é público, está ouvindo?

VENTO (Com as mãos na cintura, ameaçador): Menino, ninguém levanta a voz com o vento.

MARIA: E o trovão?

VENTO: O trovão?

MARIA: Não é o Pai Eterno levantando a voz para você, vento?

VENTO: Para mim, coisa, nenhuma...

MARIA: Para quem, então?

VENTO: Para vocês, é claro!

MARIA: Bem que eu achei que a explicação de tia Adelaide sobre o trovão não era boa. Sabia que era o Pai Eterno. Tia Adelaide tira a graça de tudo, coitada!

VENTO: Já disse que ninguém levanta a voz para o vento!

MARIA: Quem é que está levantando a voz para você? Estou só falando da minha tia Adelaide, e meu irmão é meio mal-humorado. Mas o senhor também não fica atrás... ele estava só brincando. Com este humor, já vejo *o porque* das tempestades... Aliás isto também tia Adelaide não explicou bem. As tempestades são causadas pelo mau humor do vento e de sua família... brigas entre nuvens, brisas, ventos, vapores, raios e trovões... se...

VENTO (Interrompendo): Pare de falar, tagarela, ou então... eu... eu...

PEDRO (Furioso): Minha irmã, tagarela?

VENTO: Vocês querem, não é? (Dá uma lufada de sopro sobre os meninos, que caem no chão. A sonoplastia e um dos ventiladores acompanham sempre as lufadas do vento.)

PEDRO: Vento covarde! Vento covarde!

MARIA: Não provoca, Pedro... Não provoca!

VENTO: Tratem de desaparecer, meninos, senão eu sopro! E é para valer... Um... Dois...

PEDRO: Vento caduca...

MARIA: Não provoca mais ele, Pedro.

VENTO: Caduca, eu? Pois você vai ver... vou te mandar para as nuvens e lá você é que vai caducar, fedelho de uma figa. (Começa a soprar com tanta força que Pedro, depois de dar umas voltas tentando resistir, sai de cena sempre gritando.)

PEDRO: Vento covarde... Vento covarde...

MARIA: Pára de ventar Vento, que Pedro está sumindo atrás daquela árvore. Para Vento... Pedro! Pedro! (Sai gritando e procurando resistir.)

VENTO: Pronto. É assim que nós lá de cima nos livramos deles. Sem muita conversa. (Boceja ostensivamente e torna a sua cama, mas não consegue se deitar porque, furiosa, volta Maria.)

MARIA: Queira soprar de volta, imediatamente, o meu irmão ou então o senhor terá que se ver comigo.

VENTO: O quê? Está me desafiando, pedacinho de coisa nenhuma? Quer também ser assoprada para longe? (Começa a rir.) Isto aí me ameaçando... ah! ah! ah! ah! ah!

MARIA: Para de rir, vento bobo-alegre. Não tem vergonha de ser tão velho e rir desse jeito? Traga meu irmão de volta, já disse.

VENTO (Pára bruscamente de rir): Vou te mandar para a China, menina.

MARIA: Duvido. (Aceitando o desafio.) E fique sabendo que sou campeã de andar na ventania e não vai ser um ventinho qualquer que vai me levar para a China o para o Japão. Bem que eu gostaria de dar um passeio... Se eu...

VENTO (Interrompendo): Você disse... ventinho qualquer?

MARIA: Disse. O que é que você sabe fazer mais além de ventar? Sabe ler? Sabe escrever?

VENTO: Chega. (Dá uma forte lufada. Maria, marota, se esconde atrás dele que procura, sem poder encontrá-la. Finalmente, Maria corre e se esconde atrás de uma pedra.)

MARIA:

Brisa, vento, ventinho  
pode soprar espertinho...  
Não tenho medo de ventania.  
Só receio a minha tia,  
brisa, vento, ventinho,  
pode soprar espertinho...

**( O Vento furioso começa a soprar e Maria deliciada ventarola pela cena em loucos rodopios até que sai, sempre rindo. O Vento, sentindo-se vencedor, volta para sua pedra e recosta para tornar a dormir. Começa a roncar quando Maria volta. Vendo que o Vento não**

**acorda ela começa a sapatear e a cantarolar. O Vento continua roncando. Por fim, Maria resolve jogar amarelinha batendo com os pés com força. Brisa aparece sonolenta.)**

BRISA: (Bocejando) Foi você quem me chamou?

MARIA: Não que eu me lembre! Afinal, que tipo de coisa é você?

BRISA: Sou a Brisa, filha do Vento!

MARIA: Filha desse resmungão?

BRISA: É uma mania de pai! Todo pai é resmungão!

MARIA: Meu pai não era resmungão!

BRISA: Não era?

MARIA: Não! Nós brincávamos o tempo todo! Eu, ele, o meu irmão Pedro e minha mãe! Mas aí o meu pai precisou ir embora para sempre!

BRISA: Ah! (As duas ficam tristes e Brisa abraça Maria) O bom de ser Brisa como eu, é que nunca vou precisar ir embora.

MARIA: Deve ser muito divertido ser Brisa de Vento!

BRISA: Olha!

**Brisa começa a soltar bolhas, começam a brincar e Cantam juntas.**

**BRISA E MARIA:**

Brisa, vento, ventinho  
pode soprar esportinho...  
Não tenho medo de ventania.  
Só receio a minha tia,  
brisa, vento, ventinho,  
pode soprar esportinho...

BRISA: Eu ouvi quando você cantou! Foi você quem me chamou!

MARIA: Não pensei que Brisa gostasse de música!

BRISA: Eu amo! Minha avó também...

MARIA: Você tem vó?

BRISA: Claro que tenho! Todo mundo tem vó! Você ainda fala sobre ela na sua música "Não tenho medo de ventania".

MARIA: Nossa! A sua vó é a Ventania?

BRISA: Sim! Ela esteve estressada esses dias, por isso tantos temporais!

MARIA: É mania de adulto ficar estressado! Eu gosto mesmo de brincar.



BRISA: E se...

**Vento acorda de uma vez assustando as meninas!**

VENTO: O quê? Ainda aqui?

MARIA: Vou lhe chatear até trazer Pedro de volta.

VENTO: Não trago nada de volta. Não fique perto dessa coisa humana minha filha! Os humanos que causam todo o mau que sofre a natureza.

BRISA: Mas ela é tão legal pai!

VENTO: Legal?

MARIA: Quer dizer que o senhor *não sabe* trazer ele de volta?

VENTO: Quero dizer que *não quero* trazer ninguém de volta.

MARIA (Mudando de tática): E se eu prometer nunca mais incomodá-lo na sua toca?

BRISA: É pai, e se ela prometer?

VENTO: Não acredito em promessa de menina.

MARIA: Então em que você acredita?

VENTO: Acredito na minha força.

BRISA: Ah! Ele é forte mesmo!

MARIA: Papo furado, hein!?!? Tão forte que nem conseguiu me soprar para longe... Acho que você está ficando sem fôlego, velho e cansado, hem, vento?

VENTO (Meio desconfiado): Você acha?

BRISA: Pai! Eu também já tinha te falado isso!

MARIA: A verdade é que o senhor com seus mil e quinhentos séculos de vida não conseguiu derrubar uma menina de 12 anos.

BRISA: Uh!

VENTO: Isto nunca aconteceu. Quem é você, menina?

MARIA: Sou Maria.

VENTO: Nunca fui vencido por... por... ninguém... e logo por uma coisa humana, uma menina ( O Vento está desolado).

BRISA: O que você fez com ele?

MARIA: Não sei, pensei que ele fosse malvado! Vento não fique assim, Vento. É que sou

campeã mesmo. Ninguém me vence na minha rua na corrida de ventania.

VENTO: Como é que você faz para vencer? Nem navios, nem árvores, nem cidades, nem nada nesta terra redonda de Deus pode comigo quando estou furioso.

MARIA: É só não ter medo e conhecer sua tática.

VENTO: E você conhece a minha tática, menina?

MARIA: Conheço.

VENTO: E como é que você descobriu?

BRISA: Me conta!

MARIA: Praticando. Comecei com uma brisa... uma brisinha à-toa.

BRISA: Comigo!

VENTO: Minha filha. Ela é bem fraquinha, a coitada.

BRISA: Ai pai! Mas eu ando treinando!

MARIA: Eu sei. Depois passei para um vento para um vento mais forte.

VENTO: Eu.

MARIA: Vento de praia, vento da Cabeçudas. Lá é melhor ventarolar de óculos por causa da areia. Mas também é melhor porque é salgado demais. A gente lambe o braço, depois fica tudo salgadinho. Quando o vento, o senhor, para de ventar, a gente continua com o barulho no ouvido até dormir.

VENTO (Comovido): É, é?

MARIA: Bem, na ventania custei mais, porque a ventania não tem muita direção e tapeia a gente também.

VENTO: Minha mãe. Sempre foi muito nervosa.

BRISA: Sim! Com a vovó não tem pra ninguém!

MARIA: É. mas venço ela também. Aprendi a ventarolar.

**VENTO E BRISA:** Ventarolar? O que é isso?

MARIA: Muito fácil. Virar ventarola no vento. Você já conseguiu derrubar uma ventarola?

VENTO: Papa-vento?

MARIA: Isso mesmo.

VENTO: Bem acho que não. Mais fácil é derrubar um vendedor de papa-ventos. Você já conseguiu filha?

BRISA: Eu já ventarolei papa-vento, mas nunca derrubei nenhum!

MARIA: Pois é, viro mesmo um papa-vento, fico tão levezinha no corpo e rodopio e não me canso e a ventania desiste de mim. Quase que posso voar.

VENTO: Você gostaria?

MARIA: De voar? Ah! Gostaria. Sabe? Um dia tia Aurélia me disse que se a gente esfregasse asa de passarinho nas costas todos os dias, cresciam umas asas e a gente voava.

BRISA: Uh! E você esfregou?

MARIA: Ela esfregava na minha e eu esfregava na dela. Combinamos de voar juntas. Depois começou a dar brotoeja nas minhas costas e tia Adelaide descobriu tudo e botou tia Aurélia e eu de castigo, escrevendo duzentas vezes: “Só quem voa é passarinho, criança estuda pra não ficar de castigo.”

VENTO: Essa sua tia é bem chatinha, hem?

MARIA: Eu também pensei que você fosse chatinho! Ela só pensa em coisas de gente grande, nunca pensa na gente.

BRISA: Você ensina a gente a ventarolar?

MARIA: Só se vocês me ensinarem a voar!

BRISA: Pai! Por favor, só hoje!

VENTO: Você gostaria de passear na minha cacunda?

MARIA: Na cacunda do vento? Oh! Seria radical! Mas o senhor tem que primeiro trazer o Pedrinho.

VENTO: Pedrinho, *não*.

MARIA: Então nada feito.

BRISA: Quem é Pedrinho?

**VENTO E MARIA:** O irmão!

VENTO: Chatinho!

MARIA: Ele é muito divertido também! Você vai adorar conhecer ele Brisa! Tia Aurélia também!

VENTO (Conciliador): Deixa esse Pedrinho pra lá, que eu já soprei ele pra casa.

MARIA: Jura?

VENTO: Palavra de vento. Juro pelos raios que me partam... que ele voltará para casa.

MARIA: Não gosto nada de juramento de vento mas... pela Brisa, vou acreditar! Você pode mesmo ventar o que quiser? Trazer coisas de outras terra, atrapalhar tudo?

BRISA: Pode *tudo*.

MARIA: Papo furado. Daqui a pouco ele vai dizer que é Deus e Ele te castiga.

VENTO: Xiu... fala mais baixo...

MARIA: E você pensa que o enorme ouvido Dele não está por toda parte? Por aqui?!?! Bem se vê que não estudou catequese.

VENTO: Eu sei que Ele está me ouvindo, mas Ele sabe também que estou brincando, não sabe?!?!?

MARIA: É sempre melhor o senhor ser mais cuidadoso.

VENTO: E você, é? Campeã de corrida contra o vento!

MARIA: Mas não é só isso que eu sei fazer, e não fico espalhando por aí... sei tanta coisa...

BRISA: Sabe o que mais além de papaventar?

MARIA: Ora; sei fazer uma porção de coisas; sei fazer tricô, sei fazer arroz, batata frita, sei tratar de galinhas, sei plantar feijão; Brisa, sei tudo isso que uma menina deve saber e sei também dançar, patinar, nadar, ventarolar; coisas boas para contrabalançar as coisas chatas.

VENTO: Chatas?

MARIA: ... fazer cama, brincar, estudar matemática, brincar, ir ao dentista, brincar, ouvir a tia Adelaide falando Blá blá blá, brincar!....

VENTO: Você quer aprender a brincar de voar na minha cacunda?

MARIA: Mas tia Adelaide vem também?

VENTO: Não. Eu não carrego tias! Eu te mostro tudo o que há de bonito por aí e você aprende tudo sem tias e sem livro. Só olhando...

BRISA: Pai! Isso vai ser incrível!

MARIA: Queria muito que a Tia Aurélia também fosse!

VENTO: Talvez um outro dia...

MARIA: Que bom! Mas vento, gostaria também de fazer umas desordens por aí?

BRISA: Desordens?

MARIA (Maliciosa): Desmanchar umas coisinhas, ventar tia Adelaide enquanto caminha. Desarrumar tudo que é arrumadinho. Só para ver a cara de todo mundo. (Começa a rir) Levantar a saia da tia Adelaide seria muito legal! Ela usa umas ceroulas tão engraçadas!

VENTO: Pensei que você fosse uma menina boa.

MARIA: Olha só que está falando! O senhor não é o maior desordeiro de todos os céus? Não derruba

navios e tira as telhas das casas? Não levou o chapéu de vovô Jaime e nunca mais o devolveu?

BRISA: Verdade! Você é assim mesmo pai!

VENTO: Mas eu sou o vento e você é gente. Cada um no seu lugar.

MARIA: Ah! Vento, não precisa se desculpar muito, eu te compreendo tão bem. Mundo certinho é tão chato! Vamos desmanchar um pouco tá bem? Vamos ventarolar o mundo!...

VENTO (Rindo): Está bem. Você quer fazer umas maldadesinhas. Vamos, e não reclame depois as consequências, hein?!?!? Vamos filha!

BRISA: Vamos!

**Brisa fica por último e grita para os céus que irão viajar, para que sua vó ouça!**

BRISA: Vó! Eu e a menina humana Maria vamos ventarolar com o pai pelo mundo! Qualquer coisa me manda uma corrente de ar que eu te respondo de volta! Logo ela recebe o recado e aparece pra me responder!

**(A menina monta na cacunda do Vento que começa a soprar. Dão uma volta pela cena sempre rindo e desaparecem, ouvindo-se ainda por algum tempo a gargalhada e o barulho do vento. Depois volta à cena um silêncio completo até a cena II.)**

## CENA II

**Ventania entrará em cena enquanto os tecidos balançam, ela estará a procura de Brisa, quando ventania começar a cantar, as portas da casa da cultura vão balançar e uma porta vai abrir com Brisa sendo chamada. Mas Brisa não vai aparecer, apenas bolhas de sabão na plateia. Ventania receberá o recado de Brisa.**

VENTANIA: Brisa, Brisa? Brisaaaa! Vocês viram a Brisa por ai? E por aqui? Aonde será que foi que essa menina se meteu... ela é desse tamanho, e é bem parecida com você, é fofinha, é pitchuquinha, gosta de fazer bagunça... (Olha pra cima) Vocês sentiram ela? Ela está por perto. Eu sei muito bem como atrair ela até aqui. (Começa a cantar *Voa passarinho Voa, de Mundo Bitá*, enquanto canta, bolhas começam cair do mezanino)

**Brisa não vai aparecer e vai deixar Ventania furiosa.**

VENTANIA: Ventarolar? Como assim ventarolar? Brisa e Vento voltem já pra cá! Ou mandarei um furacão atrás de vocês! Ora essa! Sair pelo mundo ventarolando com uma humana em nossa cacunda! Em todos esses anos que eu existo, eu nunca fiz que nenhum humano voasse, há não ser que fosse em um furacão! Voltem agora! Essa humana, ela não é passarinho Brisa. Só quem voa é passarinho, ou avião! Eu vou encontrar vocês...

**Ventania sai de cena balançando tudo. (As tias começam a fazer barulho. Entram a mãe, Pedro, tia Adelaide, tia Adalgisa e tia Aurélia; todas assustadas.)**

PEDRO: Foi bem aqui!

TIA ADELAIDE (Baixinho): A cova do vento.

TIA ADALGISA: A cova do vento!... ( se junta a tia Adelaide).

AURÉLIA: O que fazia aqui Pedrinho?

PEDRO: Foi aqui que o Vento e a Brisa levaram a Maria pra Ventarolar!

MÃE: E depois, Pedrinho, o que aconteceu? (Tia Aurélia sai de cena, descobrindo, curiosa, a cova.)

TIA ADELAIDE: Coisa boa é que não foi. Volta aqui Aurélia, quer também ser raptada?

AURÉLIA: Raptada? ( Voltando assustada, mas dando risadinhas): Deus me livre e guarde, Adelaide!

MÃE: Ela não pode ter desaparecido assim de qualquer maneira.

PEDRO: Não foi de qualquer maneira, mamãe. Ela começou a ventarolar como sempre faz. Eu é que fui soprado. Meu controle ainda é ruim. E depois...

**TODAS:** E depois...

PEDRO: Depois chamei o vento de covarde e foi a conta. (Aurélia dá risadinhas compreensivas.) Ele se irritou e me soprou até aquela árvore ali. Fiquei preso lá um tempão e vi tudo. Eles conversaram muito e riram também.

ADELAIDE: Eles quem?

PEDRO: Maria, Brisa e o vento.

ADELAIDE: Conversaram como?

PEDRO: Conversaram, ora. Conversa vem, conversa vai, ela montou na cacunda dele e lá se foram...

ADALGISA: Que conversa é essa de Vento, Brisa, Chuvisco conversar? Você sabe Pedro, que mentir é muito feio...

AURÉLIA (Dando risadinhas): Eu bem que gostaria de ter umas conversinhas com o Vento, com a Brisa, tem chuvisco também?...

ADELAIDE: Quieta, Aurélia, senão te ponho de castigo...

ADALGISA: Vocês não acham que já ouvimos demais deste menino?

MÃE: Pedro, meu filho, conta tudo direitinho, sem inventar nada, que depois você ganha um presente.

PEDRO: Estou contando tudo certinho como eu vi.

MÃE: E onde é que você acha que eles estão agora?

PEDRO: Bem, agora? (Calculando) Se pediram ajuda para a Ventania, que é a mãe dele...

MÃE: Mãe de quem?

PEDRO: Do vento. (Todos se entreolham) Se pediram ajuda a ele, já devem estar perto do Ceará. Ele

deve ter ventado bastante. Pode ser também que tenham ficado para fazerem as tais desordens que Maria pediu...

MÃE (Achando que o filho não está bem da cabeça): Toma meu filho. (Dá-lhe dinheiro) Vai tomar um sorvete bem grande (Pedrinho sai).

ADELAIDE (Entre os dentes): Antipedagógico!

MÃE: Estou ficando aflita!

ADELAIDE: Não me diga?

MÃE: Faz mais de seis horas que a menina sumiu. E foi daqui... Pedro não diz coisa com coisa.

ADELAIDE: Acho que ficou meio atrapalhado da cabeça...

ADALGISA: Teria ela sido raptada?

ADELAIDE: Mas é óbvio!...

MÃE (Quase chorando): Vou avisar a polícia. Não agüento mais. Fiquem aqui um pouco. Quem sabe ela aparece?

ADALGISA: Ficar aqui sozinhas? E se ele aparecer?

MÃE: Ele quem?

ADELAIDE: O raptor!

AURÉLIA: O vento, Adelaide?

ADELAIDE: Sossega, Aurélia. Anastácia, mande um guarda ao menos. Isto aqui não é e nunca foi lugar pra mocinhas...

ADALGISA: Não é e nunca foi lugar pra mocinhas...

MÃE: Vou depressa chamar a Delegada Plácida. (Sai)

ADELAIDE: Eu disse... eu avisei... eu disse que não se deve deixar crianças soltas por aí. (As duas passeiam aflitas pela cena, enquanto Aurélia alvoroçada observa tudo.)

ADALGISA: Lugar de menina é na barra da saia da mãe.

AURÉLIA: Quando eu era mais menina, gostava de costurar, de bordar... ah, gostava também de fazer comidinha de folha, lembra Adalgisa? A gente misturava tudo numa latinha: folha de figo, folha de mamão, folha de... aquela que era veneno... Agora, é verdade que eu também gostava (fala baixinho com medo das irmãs) de andar na chuva e de...

ADELAIDE: Agora não é hora de lembrar essas coisas, Aurélia.

ADALGISA: Se fosse minha filha, vivia trancada a sete chaves.

ADELAIDE: Era muito sapeca aquela Maria.

AURÉLIA: Gostava de brincar, a diabinha!

ADELAIDE: Eu bem que dizia...

AURÉLIA: Você bem que dizia.

ADELAIDE: Mas a mãe não fazia o que eu dizia...

ADALGISA: Não fazia o que você dizia...

AURÉLIA (como se repetisse uma lição): Eu dizia... tu dizias, ele dizia...

ADELAIDE: Bem feito agora.

AURÉLIA: Mamãe sempre disse que quem faz mal feito não tem direito...

**AS TRÊS:** ... de reclamar.

AURÉLIA (depois de uma pausa): Adelaide, vento tem cacunda?!

ADELAIDE: Pare de fazer pergunta sem sentido ou eu te prendo no quarto, Aurélia!

**(Começa a soprar de repente um vento e as três começam a rodopiar, Aurélia aprecia o rodopio como uma criança.)**

ADELAIDE: Santo Deus, Santa Bárbara e São Jerônimo nos acudam!

AURÉLIA: Adelaide... Adelaide... me segura... me segura... que gostoso... que gostoso!

ADALGISA: Socorro! Não me empurrem... Adelaide... Adelaide, socorro!...

**(As três desaparecem de cena sempre gritando e tornam a aparecer dependuradas nas árvores. São bonecas. Da platéia só devem ser vistas as pernas das tias com calças antigas bordadas nas beiras; vindo de cima as vozes pedindo socorro. Chega uma velhinha mais velha que elas. É a avó dos meninos e mãe das tias.)**

VOVÓ: Adelaide! Adalgisa! Aurélia! Voltem para casa meninas... Onde se meteram essas meninas... Se o Jaime sabe disso...

TIAS: Socorro! Socorro! (a velhinha finalmente olha pra cima e dá com as filhas dependuradas nas árvores; a velha é meio surda.)

VOVÓ: Meninas, desçam já daí. Já... Já...

ADELAIDE: Estamos presas, mamãe.

VOVÓ: Quem mandou vocês subirem em árvore? No meu tempo, árvore era feita para enfeite da natureza... e também para dar frutos... Desçam já daí. Já proibi várias vezes.

ADALGISA: Estamos presas, mamãe.

VOVÓ: Comendo fruta verde de novo, heim Adalgisa!? Desça já.



ADELAIDE: Chame o corpo de bombeiros, mamãe...

VOVÓ: Desça já daí, Aurélia, ou chamo o teu pai,

AURÉLIA: Me empurraram, mamãe, me empurraram...

ADELAIDE: Os bombeiros, mamãe!

VOVÓ: Até você Adelaide?... E abaixe já esta saia. Que modos são esses de mostrar as calças desta maneira...

**(Começa a soprar um ventinho leve que delicadamente empurra a velhinha)**

VOVÓ: Não empurra, Jaime... não empurra... já disse que não vou pra casa... não quero entrar... já disse... (e vai saindo) Não empurra Jaime... não empurra...

### CENA III

**(Silêncio na cena. Entra as 2 repórteres segurando um microfone com um fio enorme. Olha para todos os lados, verifica que a praia está vazia.)**

BOLOFOFOS: Que furo! Sou o primeiro! Alô, alô, Rádio da Praia, estamos transmitindo diretamente do local do rapto da indigitosa Maria de Almeida.

TINK-WINK: Para os ouvintes dos estados, tenho a informar que se trata de uma praia deserta e mal visitada, aqui em Cabeçudas, os pescadores a chama de Cova do Vento.

BOLOFOFOS: Pois é uma cova, caros ouvintes, a cova da jovem Maria tragicamente desaparecida nas primeiras horas da manhã.

TINK-WINK: Nossas emissoras - Numa gentileza dos Perfumes Ventania...

**BOLOFOFOS E TINK-WINK: A brisa que refresca!**

TINK-WINK: Estão dando em primeira mão a reportagem completa sobre o desaparecimento trágico, da jovem Maria, aluna exemplar...

ADELAIDE: Isso é que ela não era...

BOLOFOFOS: (Procurando ver de onde vem a voz): Como ia dizendo, caros ouvintes, a Brisa que refresca é um perfume Ventania, e a jovem Maria...

ADALGISA: (voz débil) Socorro! Socorro!

TINK-WINK: (descobrimo as tia): Caros ouvintes, a situação aqui na cova do vento se agrava.

BOLOFOFOS: Do alto das enormes árvores que circundam a cova do vento, partem lancinantes apelos de socorro.

TINK-WINK: Será a indigitada jovem? É o que verificarei num sensacional esforço de dar em primeira mão e sem nenhum medo dos prováveis perigos que terei que enfrentar numa reportagem completa do maior rapto do século.

BOLOFOFOS: Sou corajoso prá burro e verei o que está acontecendo. Vejo a distinta senhora

Dona Adelaide, e suas estimadas irmãs dependuradas nos galhos das árvores pedindo socorro.

TINK-WINK: Elas estão numa posição bastante incômoda.

BOLOFOFOS: Bem incômodas! Vou entrevistá-las neste instante, antes que elas morram. Dona Adelaide e suas inseparáveis irmãs são tias e professoras da pobre Maria.

TINK-WINK: Boa tarde, Dona Adelaide, quer fazer algumas declarações para as nossas emissoras, numa gentileza dos perfumes Ventania?

AURÉLIA: A brisa que refresca?

BOLOFOFOS: (com a força do hábito): Isto mesmo, acertou! A senhora terá direito a um cupom numerado que, com mais dez cupons de respostas certas, lhe dará direito a um frasco, absolutamente grátis e o direito de concorrer no próximo concurso:

**BOLOFOFOS E TINK-WINK:** O Vento é o limite.

AURÉLIA: Ganhei! Ganhei! Que felicidade!

**(O vento começa a soprar e as repórteres rodopiam, tenta dar socos no ar, finalmente se enrola no fio do microfone e cai no chão desmaiada, o vento cessa.)**

AURÉLIA (como numa canção de criança): A brisa que refresca... a brisa que refresca... (Depois todos silenciam)

#### CENA IV

**(Entra Pacífico, o policial, seguido de Crispim. Os dois se espantam diante do corpo do repórter.)**

PACÍFICO: Dois defuntos!

OS DOIS (chamando): Chefe!

**(Entra a Delegada Plácida, curiosa)**

DELEGADA (vendo as repórteres): Ninguém toca nas defuntas.

**(Os policiais meio apavorados observam o local e dão com as tias dependuradas.)**

OS DOIS: Veja chefe! Três damas enforcadas!

DELEGADA: Uma menina raptada, dois repórteres abatidos, amarrados, espancados e mortos, e três damas enforcadas. Num só dia e tudo na Cova do Vento – lugar sombrio, desabitado a um quilômetro da cidade. Este é um dos casos mais complicados.

ADELAIDE: Depressa polícia, já não agüento mais!

PACÍFICO: Quem disse isso?

CRESPIM: (Pausadamente apontando pra cima) PA CÍ FI CO!

PACÍFICO: Ai Crespim, defuntos não falam!

CRESPIM: (Susto) Ainda não molelam...

PACÍFICO: Então é porque ainda estão vivas!

DELEGADA: Vivas? Tanto melhor! (aos policiais) Subam às árvores e retirem os corpos de delito, isto é, as velhas. Cuidado com as impressões digitais. (os guardas saem). As senhoras tem que declarar à polícia o que estão fazendo aí.

AURÉLIA: Estamos vendo a vista, senhora DELEGADA, estamos vendo a vista...(risinhos)

DELEGADA (tomando nota de tudo num caderninho): Vendo a vista!? Favor declararem domicílio, estado civil, nacionalidade e idade...

ADELAIDE: Era só o que faltava... **(Os repórteres começam a se mexer)**

CRESPIM: (Pausadamente) DE LE GA DA!

DELEGADA: Estes também estão vivos! (ajudando a repórter a se desvencilhar do fio do microfone) Os senhores tem alguma coisa a declarar à polícia?

BOLOFOFOS: (olhando para todos os lados com medo): Senhora DELEGADA, fui atacado por um monstro. Tentei tudo... (pegando de novo o microfone) O dever de uma repórter é informar.

TINK-WINK: Rádio Praia continuando a reportagem interrompida por uma covarde agressão. Sou um mártir da imprensa e da verdade. (Enquanto isso a DELEGADA examina o local e toma notas). Ao ver as senhoras enforcadas nas árvores tentei salvá-las mas o agressor me bateu.

BOLOFOFOS: Tentei lutar mas não se tratava de um único homem e sim de uma quadrilha. (o vento dá uma lufada.) Senhora DELEGADA, sou corajoso prá burro e os ouvintes sabem disso, mas convém a gente sair logo daqui, porque eles podem voltar.

DELEGADA: Um momento. (Continua examinando tudo.)

TINK-WINK: (Querendo descobrir assunto para os ouvintes): Tem alguma coisa para declarar aos nossos ouvintes? (A DELEGADA não responde)

BOLOFOFOS: A senhora gosta dos perfumes Ventania?

DELEGADA: Bem... ( A repórter faz sinal para ela dizer sim) Gosto sim...

**( Neste momento, as bonecas começam a se mexer e ouvem-se as tias e os policiais. A DELEGADA e a repórter acompanham seus movimentos)**

ADALGISA: Estão me fazendo cócegas! (Aurélia ri)

ADELAIDE: Não me toque policial!

PACÍFICO: Então como é que é, madame? Tem que sair não tem? Eu tenho que segurar, ora!

ADALGISA: Não me faz cócegas, policial... Alguem chame a polícia...

CRISPIM: Segula meu braço, madame.

ADALGISA: Senhorita, faz favor.

CRISPIM: Agale a velha, Pacífico.

DELEGADA: Isto, Crispim...

**( Os bonecos desaparecem. Os repórteres continuam a entrevista com A DELEGADA.)**

BOLOFOFOS: E agora diga, senhora DELEGADA Plácida, a polícia promete aos nossos ouvintes descobrir tudo deste horrível rapto?

TINK-WINK: Tudinho?

DELEGADA: Promete sim. Tudinho. A polícia vai descobrir tudo porque a polícia foi feita para descobrir tudo. Se não descobrir tudo hoje, descobre amanhã, se não descobrir amanhã, descobre depois de amanhã. Se não descobrir depois de amanhã, acaba mesmo descobrindo, por isso é bom que a quadrilha apareça logo para não dar muito trabalho à polícia.

**(Chegam as tias e os guardas. As tias estão com os chapéus fora do lugar, as saias levantadas, pedaços de folhas na cintura, enfim, tem que dar a impressão que estão descendo das árvores)**

ADELAIDE: Isso é uma vergonha!

ADALGISA: Duas horas dependuradas nas árvores!

AURÉLIA: Parecíamos três judas em sábado de aleluia! ( Os repórteres procuram colocar o microfone à frente de cada um que fala) Lá de cima eu vi a senhora DELEGADA tão pequenina que parecia uma formiguinha. (risinhos)

ADELAIDE: Chega, Aurélia. Isto não são horas para chamar a senhora DELEGADA de formiga. Exijo providências urgentes. Isto não são maneiras de se tratar três moças de família. Se a polícia não tomar medidas urgentíssimas...

ADALGISA: Urgentíssimas...

AURÉLIA: (só pra fazer coro): Urgentíssimas...

DELEGADA (Tirando uma fita métrica e começando a tirar as medidas das senhoras): Serão tomadas medidas urgentíssimas, dona Adelaide.

PACÍFICO: Urgentíssimas!

TINK-WINK: A senhora DELEGADA Plácida Epaminondas, DELEGADA emérito da polícia local, está começando a tomar medidas urgentíssimas pedidas por dona Adelaide.

DELEGADA: A medida mais urgente que qualquer polícia do mundo tomaria... é de interditar o local. A Cova do Vento está interditada...

BOLOFOFOS: O local acaba de ser interditado porque as damas pediram providências urgentíssimas.**(Uma forte lufada de vento faz todo o grupo dar um passo à frente repentinamente)**

AURÉLIA: É ele!

**(Adelaide pensando que Aurélia está se referindo a DELEGADA que está ao seu lado lhe aplica um enorme empurrão)**

ADELAIDE: Ah... estão é a senhora! (Empurrão; uma nova lufada e Adelaide é jogada nos braços de Pacífico. O vento continua e a confusão começa)

PACÍFICO: Senhora Adelaide!

ADELAIDE: Que indecência. (depois de rodopiarem o vento cessa de repente e todos se recompõem)

DELEGADA: Vamos embora. As declarações tomarei na delegacia.

ADELAIDE: Vamos, meninas...

ADALGISA: Isto é uma pouca vergonha...(Vão saindo todos juntos quando o vento recomeça e traz de novo o grupo arrastado para o fundo do palco. A estas horas já devem estar meio apavorados)

DELEGADA: Vamos embora, já disse! (Tornam a sair com mais cautela e de novo o vento os traz de volta. Aí já deverão estar gritando de pavor.)

DELEGADA: Vamos embora, torno a dizer. (Adelaide se agarra a DELEGADA, Adalgisa em Adelaide, os repórteres se penduram no fio do microfone, os policiais se grudam um no outro e saem devagarinho, pra não despertar o monstro desconhecido; Aurélia mais atrás diz no silêncio:)

AURÉLIA: É ele! (Ao ouvir isso todos fogem esbaforidos, gritando por socorro; desta vez o vento não sopra)

## CENA V

**(Entra a mãe, aflita e cautelosa, procurando em volta e chamando baixinho.)**

MÃE: Maria! Maria! Volta Maria, para sua casa!... (A mãe começa a chorar mesmo tempo uma brisa leve começa a soprar. A mãe se assusta lembrando da história que Pedrinho contou. Então aparece Ventania, mais calma, com um enorme pergaminho.)

MÃE: O que é você? (pega o pergaminho)

VENTANIA: Seu filhinho não mentiu! Eu sou Ventania, sou a mãe do Vento!

MÃE: Você então é uma das responsáveis pelo sumiço da minha Maria?

VENTANIA: (Um pouco de raiva) Eu estou tentando resolver isso!

MÃE: (Assustada) Ah!

VENTANIA: Desculpe! Eu vi de longe o que toda essa maluquice do meu filho e minha neta causaram! Se eu estivesse presente, isso jamais aconteceria.

MÃE: Eu digo o mesmo! Se eu estivesse presente, minha mão estaria até agora grudada na orelha de Maria!

**VENTANIA E MÃE:** Ai, ai! Filhos!

MÃE: E para onde eles foram?

VENTANIA: Eles enviaram essa carta em uma corrente de ar.

MÃE: Carta?

**(Quando a mãe começa a ler a carta, a luz de cena é diminuída. No fundo são projetadas , através de um projetor instalado na platéia, várias fotografias de Maria. De nuvens, de mar, de bichos, de cidades antigas, de Maria de novo, de Brisa, de modo que dê a impressão que ela está viajando. Ouve-se ao mesmo tempo a voz da menina através do microfone. A voz pode ser acompanhada de música bem ao fundo, sugerindo brisa.)**

MARIA (voz): Mamãe, estou voando por aí. Não fiquem aflitos. Conheci Vento, e sua filha Brisa, que é muito delicada e amável. O Vento é meu amigo e na cacunda dele tenho visto coisas lindas. Vi praias enormes, sem fim! E nuvens e nuvens e mais nuvens. Vi bichos, cidades e terras secas. Vi tudo verdinho e florido. Não vou mais precisar estudar para as aulas da tia Adelaide porque já aprendi tudo. As coisas mostradas a gente aprende mais depressa e mais bonito. As coisas longe ficam perto, o que era feio a culpa era de tia Adelaide que enfeiava tudo, coitada, que nunca andou na cacunda do Vento. É por isso. Também vamos fazer umas desordens por aí, eu, Brisa e Vento, mas é pra variar a vida de todo dia, depois eu volto. O Vento perguntou se eu queria virar brisa do mar, igual a filha dele. Estou pensando ainda. Gosto muito do mar. Mas acho que eu prefiro ser eu, apesar de tudo. A gente se acostuma tanto a ser a gente que não quer mais largar de ser. Acho que é isso que está me botando na dúvida. Não precisa ficar aflita, mãe, o Vento é bom elemento e manda lembranças. Brisa também, estamos agora bem no meio do Brasil. a cachoeira do Iguaçu é um muito linda! Beijos, Maria.

MÃE (a luz volta à cena): A letra é dela, o jeito é dela. E se ela virar brisa do mar?

VENTANIA: Vou fazer o possível para trazer a sua menina de volta! E vou deixar o Vento e a Brisa de castigo!

MÃE: E eu deixarei a minha Maria de castigo!

**VENTANIA E MÃE:** Combinado! Palavra de mãe!

**Ventania sai de cena e não demora para a ficha da mãe cair.**

MÃE: Polícia! Polícia! Senhora DELEGADA! Senhora DELEGADA! Minha filha brisa de mar! Que horror! Polícia! Polícia! (Sai gritando.)

## CENA VI

**(Entra tia Aurélia segurando uma enorme ventarola; corre pela cena imitando Maria. Depois escuta a voz de Adelaide chamando e se esconde rapidamente na coxia)**

ADELAIDE: Aurélia!

ADALGISA: Será que ela teve a ousadia de vir aqui sozinha? (As duas estão apavoradas e se agarram uma na outra; Adelaide tropeça numa pedra e cai numa posição bastante incômoda, de quatro, sua raiva aumenta ainda mais.)

ADELAIDE: Me ajuda Adalgisa, ai ai ai ai minhas costas!... Sei que você está escondida por aqui, Aurélia!

ADALGISA: Trate de aparecer, Aurélia, sabemos que você está escondida por aqui. Não adianta desobedecer Adelaide. Você sabe disso, Aurélia.

ADELAIDE: O que sempre estragou Aurélia foram as más companhias...

ADALGISA (ofendida): Nós, Adelaide?!

ADELAIDE: Claro que não, Adalgisa! Ora, veja só!... Maria e Pedro nunca foram companhia para Aurélia. Ela sempre se deixou levar pelas crianças!

ADALGISA: Sempre se deixou levar!

ADELAIDE: Sei que está escondida, Aurélia!

ADALGISA: Aurelinha, trate de aparecer!

ADELAIDE: Trate de aparecer logo por que senão o castigo vai ser pior...

ADALGISA: Maninha, apareça!...

**(Aurélia com muito medo trata de escapar pelo fundo do palco mas é descoberta por Adalgisa)**

ADALGISA: Achei!

ADELAIDE: O que você estava fazendo na Cova do Vento?

ADALGISA: Não sabe que isto aqui não é lugar para mocinhas? (Aurélia não responde)

ADELAIDE: Ah! Não que responder, não é?

ADALGISA: Responda Aurélia, senão ela te castiga. Você quer ser raptada? **(Aurélia diz que sim com a cabeça)**

ADELAIDE (furiosa): Ah! Então é isso? Quer ser raptada? Irá para casa imediatamente e escreverá duzentas vezes: “Lugar de moça é em casa, vou ficar de castigo até o ano que vem! ”. (Adelaide agarra Aurélia por um lado, Adalgisa pelo outro e levam Aurélia suspensa enquanto repetem:)

AS DUAS: Lugar de moça é em casa, vou ficar de castigo até o ano que vem! (saem.)

## CENA VII

**(Entra a DELEGADA com o pergaminho, os dois guardas meio apavorados; um deles leva uma malinha onde se lê: Perícia. A mãe segue segurando pedrinho pela mão.)**

DELEGADA: Foi aqui que isto apareceu?

MÃE: Uma brisa soprou de repente e veio empurrando a carta, devagarinho até aqui!

DELEGADA: Guardas, vigiem tudo. Qualquer coisa suspeita, avisem.

PACÍFICO: Vigiar o que, chefe?

DELEGADA: Por aí... por cima ..... por tudo.

**(Crespim chupa o dedo e coloca-o na posição de verificar a posição do vento)**

CRISPIM: Oh! Suspeito! A senhola não quer tilar as impressões digitais?

DELEGADA: De quem, seu burro? (Todos se entreolham)

PEDRO: Só se for do vento.

MÃE: Cale-se Pedrinho. Quer enlouquecer mais a gente?

PEDRO: Eu to contando a verdade mãe! Eles agora devem estar fazendo uma desordem total.

DELEGADA (pegando Pedrinho pelo cangote): Eles, quem?

PEDRO (Com simplicidade): Maria, Brisa e o Vento.

DELEGADA: Quem é este?

PEDRO: O Vento, ora! Maria saiu voando na cacunda dele.

DELEGADA (irritada): Rapazinho, trata-se da vida de uma menina, de sua irmã. Trata-se também da vida do país, do mundo, da humanidade. Uma menina *não pode* sair na cacunda do vento, está ouvindo?

PEDRO: Não podia, senhora DELEGADA. Não podia, mas pôde.

DELEGADA: Podia também abater dois repórteres? Enforcar três senhoras e escrever uma carta?

PEDRO: Ora, senhora DELEGADA, a senhora é muito ingênua, não conhece o Vento. Por que não pode, diga?

DELEGADA: Porque dois e dois são quatro, menina é menina, vento é elemento elementar da natureza, polícia é polícia e você vai dizer a verdade, está ouvindo?

MÃE (aflita): Senhora DELEGADA, ele não tem culpa.

DELEGADA: Menino de hoje *sempre* tem culpa.

PEDRO: Senhora DELEGADA, e se dois e dois não forem quatro, e o vento tiver cacunda, hein? E a polícia...

OS TRÊS (interrompendo): E a polícia, o que?

PEDRO: ...não entender nada de vento e eu estar dizendo a verdade?

DELEGADA: Este menino está atrapalhando os bons trabalhos da polícia. Se continuar assim terei que mandar prendê-lo.

MÃE: Não se aflija, senhora DELEGADA; toma, Pedrinho, toma dinheiro pra você comprar sorvete.

PEDRO: Já estou cheio de sorvetes e a DELEGADA não descobre nada. (Mostra a língua para a DELEGADA)



DELEGADA: Monstrinho irritante! (Pacífico e Crispim correm atrás de Pedrinho) Pacífico, Crispim, voltem! (Voltando à carta): “mamãe, estou voando” (Olha para cima, os outros fazem o mesmo); “as coisas longe ficam perto”, esta carta deve ser em código; “fazer desordens... vamos fazer desordens por aí”...(vitorioso) Aqui está! Então querem fazer umas desordens, hein? Guardas a postos! Não estou gostando nada disso...Isto está me cheirando a muita desordem. Temos que defender a ordem constituída...

MÃE (não entendendo nada, aflitíssima): E se ela virar brisa, senhora DELEGADA?

DELEGADA: Brisa? Quem?

MÃE: Minha filhinha. A senhora não viu? (Mostrando a carta) O Vento convidou-a para virar brisa do mar. Aqui. olha...(os dois lêem baixo o trecho da carta)

DELEGADA (fazendo um ar de inteligentíssima): O vento... Vento? Vento deve ser pseudônimo de algum espião ou chefe do bando. João Vento, Pedro Vento, Zé Vento, Chico Vento... Sabe-selá...

PACÍFICO: Conheci um Chico Vento que era ladrão de pão doce lá numa padaria de minha terra.

CRISPIM: Quem sabe, chefe, não é caso de astlonáutica inimiga?

PACÍFICO: Disco voador...

CRISPIM: Planeta Marte...

DELEGADA (conclusivo): Não. Nada disso. Está tudo ficando claro. A coisa é aqui na terra mesmo. Vento é sobrenome do bandido.

MÃE (soluçando): Minha filha!

DELEGADA: Sobre isto não tenho a menor dúvida. Usou a menina para fazer crer a nós, da polícia, que se tratava do vento mesmo... e...

PACÍFICO: E o menino?

DELEGADA: Enlouqueceu o menino com alguma droga; derrubou os repórteres...

PACÍFICO: E as velhas?

DELEGADA: Dependurou as velhas e finalmente mandou esta carta cifrada que só pode enganar os tolos (vendo que a mãe chora) e as mães. Então querem fazer umas desordens na cidade, hein? Querem enganar a polícia!

CRISPIM: Mas chefe, e este vento que soprou e quase delubou a gente? Como Vossa Excelência explica isso, hein?!...

DELEGADA: Seu burro, aquilo não era vento natural da natureza: era sopro de algum aparelho, um aspirador gigante, um ventilador atômico...(Sua fala cheia de gesticulação é interrompida por um pequeno pára-quedas sustentando uma carta que vem caindo de cima; a DELEGADA fica estático) Ninguém toca! (Com cuidado, pega a carta e guarda o pára-quedas na mala de perícia; depois começa a ler a carta) “Chega, DELEGADA Plácida Epaminondas Cavalgadura”... alguém que me conhece pelo nome... “me deixa em paz e desinfeta a minha cova”... Grosseirão! Continua lendo, Pacífico, não posso mais. ( Fica de muito mau humor.)

PACÍFICO (continuando a ler a carta): “desinfeta a minha cova, senão eu sopro a senhora pra sempre e quem vai ter dor de coração é o senhor Epaminondas. A senhora não tem mais o que fazer? Já está bem grandinha para brincar com o vento!”

DELEGADA (que está cada vez mais furiosa enquanto seus policiais não agüentam mais de vontade de rir): Está assinada?

PACÍFICO: Não.

DELEGADA: Ah... é isto? Estou grandinha, hein?! Querem luta? Pois então terão! Pra começar, Pacífico e Crispim, apanhem um pouco deste ar. (tira da mala de perícia dois apanhadores de borboletas e entrega aos policiais) É preciso mandar um sábio examinar a natureza deste vento, desta tapeação química, deste sopro fabricado.

MÃE: E a minha filha? Se ela virar brisa do mar, eu morro.

DELEGADA (distráida): Pois morra. Quero dizer, sua filha está em perigo de vida, minha senhora. Sinto dizê-la, mas a polícia tem que dizer tudo. Doa a quem doer. Sua filha foi levada como refém para provocar a polícia e começar o rififi. O biruta convidou-a para ser a senhorita brisa do mar. Talvez tenha feito de sua filha uma espiã inimiga. Pobre mãe! (Tira um lenço preto e dá para a mãe enxugar as lágrimas). Faremos tudo que está ao nosso alcance para solucionar esta intriga.

MÃE: Mas quando vou poder reaver minha filha?

DELEGADA (Categórico): Hoje! Se não for hoje será amanhã, se não for amanhã, será depois de amanhã, se não for depois de amanhã, será algum dia. Ninguém engana a polícia. A polícia sempre acaba descobrindo tudo. (Uma brisa ligeira começa a soprar.) Agora peço à senhora para ficar aguardando minhas ordens em casa. E por favor não deixe seu filho sair. Guarde bem o seu monstrinho. (Acompanha a mãe para fora da cena).

**(Crispim e Pacífico fazem a mímica de quem tenta pegar o ar com o papa-borboletas e quando a chefe volta eles se apresentam)**

PACÍFICO: Pronto, chefe.

DELEGADA (entregando tudo a Crispim): Vá depressa ao departamento de meteorologia e entregue este vento para o sábio examinar, depressa Crispim. (Crispim sai). O pilantra deve estar por preto. Suas máquinas de fabricar vento armadas engenhosamente na Cova do Vento. Aqui, certamente, é a sede da quadrilha. Coisa bem pensada. Crime quase perfeito, não fora aqui a Plácida Epaminondas. (Ela está agitada) Pacífico!

PACÍFICO (meio apavorado): Sim, chefe.

DELEGADA: Tenho um plano para a captura imediata do inimigo. A Cova do vento deve ficar interditada a qualquer intruso. Vá buscar a tabuleta.

PACÍFICO: Sim chefe. (sai e volta com uma tabuleta onde se lê: Proibido passar pela Cova do Vento).

DELEGADA: Todo aquele que esta noite puser os pés aqui será suspeito de pertencer ao bando do Chico Vento, ou Pedro Vento ou Vento de Tal. (Falando em segredo para Pacífico) Eles devem voltar aqui esta noite. Estão por perto, senão não mandariam isto (a carta)... Vamos nos esconder e

fazer crer a eles que estão sós e que o campo está livre.(Usando um tom de voz normal, falando ostensivamente alto para ser ouvido) Irei para a delegacia e voltarei aqui amanhã de manhã. Vamos embora Pacífico.

PACÍFICO (querendo imitar a chefe e falando ainda mais alto): Vamos embora, chefe.

DELEGADA (Dando uma volta pela cena, pisando e falando ainda mais forte): Estamos indo embora...

PACÍFICO (enquanto o chefe sai de cena) Já fomos embora! (Os dois tornam a aparecer pela entrada do proscênio) Inteligente, hein chefe! (A DELEGADA se envaidece, faz psiú, toma o revólver espera escondido na frente da cortina.

### CENA VIII

(A DELEGADA espera algum possível intruso. Anoitece na Cova do Vento. No meio da cena, a tabuleta. Pé ante pé surge tia Aurélia sozinha, uma maleta na mão)

AURÉLIA (chamando): Vento!... Brisa... Ventaniaaaaaa... Ventinhooo...

DELEGADA (entre dentes): Reunião da quadrilha. Estão todos no papo.

AURÉLIA: Mariaaaa...ôôôôô... Estou prontinha para viajar pelo mundo afora... Estou cansada de ser reprimida pelas minhas irmãs, quero ser livre e aventureira como você Maria! (Entra Pedrinho entre cauteloso e esbaforido)

PEDRO: Tia Aurélia, o que a senhora está fazendo aqui? Volta pra casa. Se a polícia descobre, estamos fritos...

AURÉLIA: Briguei com Adelaide. Eu estava aprendendo a ventarolar no quintal, então ela me pôs de castigo e então eu resolvi também passar para o lado do vento... Eu quero ser uma mulher independente!

DELEGADA: Toma nota Pacífico. Ela quer passar para o lado do tal do Vento. É uma suspeita.

PACÍFICO: Já estou escrevendo.

PEDRO: E se eles não vierem esta noite?

(A DELEGADA faz sinal para Pacífico tomar nota)

AURÉLIA: Não é aqui a cova dele? Ele não tem que trazer a Maria de volta?

PEDRO: Mas, tia Aurélia, a senhora tem coragem de ir lá em cima nas nuvens?!

AURÉLIA: Ah..... tenho!

PEDRO: Mais acima ainda! Na estratosfera. Para cima do azul!?

AURÉLIA: Do azul? Que maravilha! Vamos logo, Pedrinho...

PEDRO: Então está bem. Vou com a senhora... mas..... a senhora sabe ventarolar?

DELEGADA: Código.

AURÉLIA: Sei sim. Veja. (Quando ela vai dar uma rodopiada, dá de cara com a tabuleta da DELEGADA) Iiiii, olha aqui Pedrinho.

PEDRO (lendo): É proibido passar pela Cova do Vento. Isto é coisa do DELEGADA. (Tira a tabuleta e joga-a fora de cena)

AURÉLIA: DELEGADA burra. Ele quer proibir o vento de ventar! ahahahaha..(DELEGADA quando se ouve chamar de burra fica furiosa)

DELEGADA: Burra?

PACÍFICO: Tomo nota disso também?

DELEGADA: Quietos, imbecil.

PEDRO: Ela é burra mesmo. Não entende nada de nada. Vai se estrear um dia desses.

AURÉLIA: É só o vento querer, que ela fica dependurada como uma fruta podre naquela árvore.

PEDRO: Se o Vento quiser ele pode manda-la para a China, para o Japão...

AURÉLIA: Para Navegantes..... (a DELEGADA se aproxima furiosa com o revólver apontado para Pedrinho que está de costas para ele; Aurélia que está de frente percebe a manobra e faz gestos aflitos que, entretanto não são percebidos por Pedrinho)

PEDRO: ...para o Afeganistão, para...

DELEGADA: ...para o xadrez. Estão presos como suspeitos de pertencerem ao bando do Tal vento, a não ser que expliquem o que faziam a estas horas da noite na Cova do Vento.

PEDRO: Estávamos esperando o Vento.

DELEGADA: Toma nota, Pacífico.

AURÉLIA (furiosa): A senhora não tem nada com isso. (Começa a fazer birra) A senhora não é minha mãe nem meu pai para...

DELEGADA: Desrespeito à autoridade!

PEDRO (tentando deter tia Aurélia): Tia Aurélia, a senhora não pode brigar com a DELEGADA... (Tia Aurélia se desprende e tenta fugir gritando)

AURÉLIA: Vento, Ventinho, sopra essa mulher pra longe...(Pacífico consegue prendê-la)

DELEGADA: Então confessem que estavam esperando o bandido para novos ataques, hein? (Aurélia consegue se desprender de Pacífico e recomeça a correr agarrada na malinha, mas desta vez a DELEGADA também a prende.)

DELEGADA: Pacífico, veja o que contém essa malinha. Cuidado com as impressões digitais.

PACÍFICO (abrindo a malinha): Um cartão postal com uma vista...

DELEGADA: Vista aérea?

PACÍFICO: Vista aérea.

DELEGADA: Confere. O que mais?

PACÍFICO: Um xale... Uma kodak.

AURÉLIA (quase cantando): É falta de educação mexer nas coisas dos outros... é falta de educação mexer nas coisas dos outros... (A DELEGADA tenta tapar-lhe a boca mas recebe um mordida)

DELEGADA: Peste! Guarde tudo para ser examinado e leve-os para o xadrez. (quando os dois estão já fora de cena vem vindo a mãe)

VOZ DA MÃE: Mas o que é isto?

VOZ DA AURÉLIA: Foi aquela burra da DELEGADA... (a voz se perde e a mãe entra em cena)

MÃE: Mas o que é isto?

DELEGADA (apontando-lhe o revólver): É isto mesmo. Seu filho está preso. Suspeito de pertencer ao bando.

MÃE: Pedrinho suspeito de ser bandido? E a tia Aurélia também?

DELEGADA: Exato.

MÃE: Minha filha, brisa do mar. Meu filho, bandido... Ohhhh... (desmaia)

DELEGADA: Também é biruta. Se a filha é espiã, o filho é bandido, a mãe também é suspeita. Mãe de peixinho, peixe é. A senhora, favor explicar o que estava fazendo a estas horas na Cova do Vento. Ah... Não quer responder? Ninguém *pode* explicar, por que ninguém *quer* explicar. (a mãe volta a si) Idade? Estado civil? Onde está seu marido?

MÃE: Eu sou viúva.

DELEGADA: Domicílio? (A DELEGADA faz todas as perguntas numa arrancada só, e a mãe diz apavorada:)

MÃE: A delegada está ficando maluca... A delegada está ficando maluca...(sai)

## CENA IX

DELEGADA: Será presa também. E agora, mãos à obra. (Tira uma enorme corda da malinha de perícia e começa amarrando-a no tronco da árvore; depois amarra-a na própria cintura. Vem chegando Crispim muito assustado e fica estatelado olhando as manobras da chefe)

DELEGADA: Quero ver se ele me arranca daqui... O que é que há, Crispim?

CRISPIM (olhando o ambiente) E se... o ...começar... a ...

DELEGADA: O que, imbecil?

CRISPIM: O outlo... o da atmosfera mesmo.

DELEGADA: Quero ver se esse vento falso, essa brisa química, este Zé Vento, João Vento, Chico Vento... Se esse sopro de laboratório pode derrubar Plácida Epaminondas, Oficial administrativo, classe M, do quadro permanente, nível 20 do quadro quinquênios!...

**(Ouve-se uma forte gargalhada e uma lufada de vento)**

CRISPIM (apavorado): Se não é o vento então é um fantasma... (sai se benzendo)

DELEGADA: Venha, vento falso... vento... (ouve-se outra gargalhada mais perto. A DELEGADA bem amarrada em sua corda começa a se aproximar do proscênio desconfiado. Sem que veja, no fundo da cena aparece o Vento levando a menina pela mão, e a Brisa pela outra)

VENTO: Quem é Vento falso?

**(A DELEGADA fica completamente paralisada. O vento pega na ponta da corda que está presa na árvore e começa a puxar a DELEGADA que cede; depois de repente fica em posição de luta, e dá com a enorme figura do vento).**

MARIA: Boa noite, senhora DELEGADA.

DELEGADA: O carnaval já acabou, senhor Vento de Tal. O senhor pode enganar uma criança mas não a polícia. Está preso, palhaço, por rapto de menor, por espancamento de dois profissionais da imprensa, por desrespeito às senhoras de idade, por alta traição e por...( O Vento dá uma grande soprada, a DELEGADA procura resistir heroicamente e volta ao ataque) ...e por empregar meios químicos, falsos ventos contra a autoridade consti...(nova soprada que faz a DELEGADA recuar)

VENTO (brincalhão) E por que mais, senhora DELEGADA?

(A DELEGADA tira um revólver e aponta para o vento, mas este é arrancado violentamente por um sopro mais forte e desaparece no ar; a menina ri sem parar)

DELEGADA: Está preso, já disse, e não tente resistir...

VENTO: Venha me prender, senhora DELEGADA.

DELEGADA: Pois vou mesmo! (Desta vez o DELEGADA cai no chão de pernas pro ar. O Vento e a menina não param de rir) Você também será presa menina. Já está tudo no xadrez... (O vento e a menina param de rir) Sua mãe está presa... seu irmão, sua tia...

MARIA (começando a chorar): Mamãe presa? Por quê?!

DELEGADA: Família de ventoinhas!...

MARIA (chorando para o vento): Mamãe está presa, Vento! E agora?... (chora)

**(O vento, furioso, dá uma grande lufada e a DELEGADA começa a ventarolar pela cena, tentando dar socos, mas finalmente desaparece enquanto o vento sopra olhando para cima para dar a impressão que o DELEGADA está subindo.)**

DELEGADA: uuuuuuuuuuuuu ..... (desaparece)

MARIA: Depressa, Vento. Tira todo mundo da prisão... Mamãe presa ... Onde está a DELEGADA?

VENTO: Está vendo aquele pontinho lá em cima daquela árvore enorme, perto da Jaqueira?

MARIA: Estou.

BRISA: Pois é ela.

MARIA: E agora?

VENTO: Não era você que queria fazer umas desordens?

MARIA: Queria... (chorando muito)... mas não estou querendo mais ... quero minha mãe de volta, quero Pedrinho... e todos... (continua chorando).

VENTO (aflito): Está bem, não precisa chorar tanto... vou soprar tudo de volta. Vou largar um vendaval, um ciclone, um tufão de derrubar paredes,,, (sai dando gargalhadas) Um tufão ... um vendaval ... ahahahaha

MARIA: E eu, Vento? E eu?...

VENTANIA: (Entra em cena gritando de longe) Vento! Vento! Brisa! Vocês me pagam!

BRISA: É a vovó! Ela esta furiosa!

VENTANIA: Encontrei vocês! (puxa a orelha do Vento de um lado, e Brisa de outro) Vocês tem noção do que vocês fizeram?

**BRISA E VENTO:** Sim!

VENTANIA: Eu deveria botar vocês dois de castigo! Esse tipo de coisa não se faz! Repitam comigo! “Esse”

**BRISA E VENTO:** Esse

VENTANIA: “Tipo”

**BRISA E VENTO:** Tipo

VENTANIA: “De coisa”

**BRISA E VENTO:** De coisa

VENTANIA: “Não se faz”

**BRISA E VENTO:** Não se faz!

VENTANIA: Eu espero que aprendam com essa lição de hoje!

DELEGADA: (Voz bem do alto e de longe) – Socorro! Socorro!

MARIA: Senhora DELEGADA! Senhora!...

**(Vem chegando muito assustados, Crispim e Pacífico; ao verem a menina ficam de boca aberta como se estivessem vendo um fantasma.)**

PACÍFICO: A menina!...

CRISPIM: Tem mau olhado nisso...

MARIA: Deixem de bobagens e tratem de salvar sua chefe.

PACÍFICO: Chefe, onde?

MARIA: Lá em cima seus bobos. (Crispim e Pacífico olham pra cima)

PACÍFICO: A chefe lá em cima.

CRISPIM: Minha nossa.

PACÍFICO: Chefe, o que é que a senhora está fazendo aí em cima?

DELEGADA (voz): Imbecis, peguem uma corda!...

**(Os dois correm pela cena como patetas atrás de uma corda e saem)**

**(Maria, sentada em uma pedrinha, começa a chorar baixinho quando começa a soprar um vendaval fora da cena. Ouve-se um piano tocando as escalas desordenadamente, depois barulhos de coisas quebrando e começa o terrível vendaval. Folhas mortas caem de cima, pedaços de músicas, chapéus de todas as espécies, uma roda de bicicleta passa pela cena. Maria faz o sinal da cruz e espantada acompanha a chegada desses objetos estranhos. Passa sua avó, com o guarda-chuva virado ao contrário puxada pelo vento.)**

MARIA: Vovó! (mas a velhinha não a vê e passa. Finalmente o vento diminui e chega levemente rodopiando a mãe. Elas não se vêem logo)

MÃE: Maria!

MARIA: Mamãe! (as duas se abraçam)

MÃE: Onde é que você andava, minha filha?

MARIA: Não recebeu minha carta?

**(Nova lufada traz tia Aurélia rodopiando e rindo)**

MARIA: Tia Aurélia! ( As duas se abraçam, Maria levanta tia Aurélia no colo, num rodopio)

AURÉLIA: Minha maluquinha querida!

**(Outra lufada traz tia Adelaide envolta de um cobertor, e tia Adalgisa segurando uma fruta mordida. As duas rodopiam e caem sobre as pedras. As folhas continuam sempre caindo.)**

MARIA (no meio do barulho do vento): Bênção tia Adelaide, bênção tia Adalgisa.

ADELAIDE: Deus te abençoe. Então foi devolvida, hein?...



**(Pedrinho também é jogado na cena violentamente segurando um pedaço de grade de prisão.)**

MARIA: Pedrinho!

PEDRO: Maria! (Quando vão se abraçar todos são rodopiados.)

PEDRO (Olhando para cima): Vejam. A DELEGADA dependurada!

**TODOS (rindo):** A DELEGADA dependurada!

ADELAIDE: O castigo vem a cavalo!

AURÉLIA: Ela também foi ventada! Bem feito!

**(Do alto, amarrada por uma corda, desce a DELEGADA batendo os pés, furiosa. Já visível pela platéia, para de descer.)**

DELEGADA: Depressa Pacífico.

PACÍFICO (segurando a ponta de uma corda presa em cima): A corda encrencou, chefe. Crispim foi chamar os bombeiros.

DELEGADA: Imbecis! (Vendo que todos riem dele) Que todos se dirijam à delegacia. Vou abrir rigoroso inquérito para apurar responsabilidades.

BOLOFOFOS (que chega esbaforido): Veja na Cova do Vento, distintos ouvintes, a senhora DELEGADA pendurada numa corda, em atitude estranhamente...

DELEGADA: Prenda essa repórter, Crespim. (Crespim tapa a boca da repórter e a retira da cena gritando)

TINK-WINK: Estão tentando tapar a boca da imprensa falada...

DELEGADA: Todos estão novamente presos... (Ouve-se a enorme gargalhada do vento pelo alto-falante) Prendam também este vento...

MARIA: Não se prende o vento... senhora DELEGADA.

MARIA E PEDRO: Não se prende o vento... não se prende o vento! (O pano se fecha enquanto o DELEGADA esperneia e outros riem)

**Todos cantam no final.**

**Maria:** Não se prende o vento,  
vento pode tudo,  
muda o que é certinho,  
Ventarola o mundo,  
Não se prende o vento não!  
Nem prédios, nem navios, nem cidades,  
Podem contra o...

**Todos:** Não se prende o vento não,  
Não se prende o vento não,

Não se prende o vento não,  
Não se prende o...

**Todos:** Não se prende o vento não,  
Não se prende o vento não,  
Não se prende o vento não,  
Não se prende o...

**Delegada:** Porque todo esse vento?  
Familia de vento,  
Ventoinhas,  
Pedro vento, Xico vento e o vento de Tal.

**Vento:** Não se prende o vento,  
vento pode tudo,  
muda o que é certinho,  
Ventarola o mundo,  
Não se prende o vento não!  
Nem prédios, nem navios, nem cidades,  
Podem contra o...

**Todos:** Não se prende o vento não,  
Não se prende o vento não,  
Não se prende o vento não,  
Não se prende o...

**FIM**